MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL, SOFIA ALEXANDRA CARVALHO (coord.), *António Quadros. Obra, Pensamento, Contextos*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016, 342 pp.

Quarenta textos de diferentes autores compõem este volume, que tem o ambicioso objectivo de contribuir para reconhecer ao escritor e filósofo português António Quadros (1923-1993) aquele “largo vulto que ostenta e merece”, no panorama do pensamento português contemporâneo, conforme assinalava em 2011 Miguel Real (2011: 788). Inicialmente destinados a serem actas de um Colóquio universitário (decorrido em 2013 entre Portugal e Brasil), os textos integram afinal um projeto editorial de maior fôlego, uma coleção de ensaios originais e interdisciplinares que procura, nas palavras dos coordenadores, “situar António Quadros no espaço intelectual português, europeu e universal”.

O livro cumpre a nosso ver o seu objectivo, afirmando a importância exegética e a originalidade de um autor que foi pouco considerado nos estudos académicos em inícios do século XXI. O volume oferece pistas hermenêuticas e críticas penetrantes nos âmbitos da filosofia e da literatura, e revisita com eficácia as coordenadas estratificadas do enquadramento histórico e histórico-cultural da vida e da obra de Quadros. Desta forma, o projecto idealmente sela e ao mesmo tempo reabre uma espécie de “ciclo” de iniciativas editoriais que para o referido objectivo têm vindo coerentemente a contribuir, e que se tinha iniciado já no ano do falecimento do autor (1993) com a publicação do volume *António Quadros* pelo Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, tendo prosseguido em 1995 com a *Sabatina de estudos da obra de António Quadros*, pela Fundação Lusíada, e em 2011 com a homenagem colectiva intitulada *António Quadros: 18 Anos depois*, publicada pela Fundação António Quadros, entidade que também se associou à realização do livro aqui recensado.

Os autores convocados para escrever sobre Quadros constituem, no caso em apreciação, uma numerosa e heterogénea colectividade de investigadores, pensadores e autores nos âmbitos da filosofia, da literatura e das culturas portuguesa e brasileira. Alguns deles privaram com Quadros

Philosophica, 48, Lisboa, 2016, pp. 151-154.

no contexto do designado Grupo da Filosofia Portuguesa (como António Braz Teixeira e Pinharanda Gomes). Além destes, há outros reconhecidos autores, exegetas e estudiosos, activos principalmente na área da filosofia (Carlos H. do C. Silva, Jorge Croce Rivera, entre muitos). Destacam-se ainda outras figuras de assumida relevância nos panoramas político, cultural e literário portugueses (duas delas sendo Guilherme d'Oliveira Martins e Nuno Júdice). Há neste livro, para além dos já referidos, uma quantidade considerável de autores (e respectivos contributos) que mereceriam ser mencionados, e que apenas por razões de espaço não podemos aqui referir. Gostaríamos, contudo, de assinalar ainda a significativa participação de intelectuais brasileiros (entre eles, Anna Maria Moog Rodrigues e Gilberto de Mello Kujawski), bem como a presença de uma nova geração de estudiosos, que confirma a existência de um vivo interesse crítico por Quadros (por exemplo, Rui Lopo, José Almeida e Pedro Vistas).

António Quadros foi filósofo versado nos caminhos da Estética e, mais vincadamente, da Filosofia da História, que nele convergem num percurso que se desenvolveu entre as décadas de 1950 e 1990. O autor emerge na historiografia do pensamento português sobretudo como pensador de uma “Patriosofia” enquanto hermenêutica de uma assumida *razão de ser* – criacionista e teleológica – de Portugal, em que residiria um “projecto áureo” e ecuménico de “realização da humanidade”, tal como o autor o chamou em *Portugal. Razão e Mistério* (1986: 17). Orientada por coordenadas escatológicas e uma teodiceia de matriz cristã, e baseada numa Filosofia do Movimento entendido enquanto “libertação do potencial do ser” (*apud* Braz Teixeira, 2000: 320), que reflete uma antropologia e uma cosmologia de cunho existencialista (mas não imanentista), a Filosofia da História de Quadros tem como referências magistrais e/ou dialogantes – no pensamento português contemporâneo – Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa, Delfim Santos, figuras do designado Grupo da Filosofia Portuguesa (ao qual Quadros pertenceu) tais como Álvaro Ribeiro e José Marinho, e Agostinho da Silva. São, estes autores, mencionados e aproximados ao longo do livro aqui recenseado. Em vários momentos, no volume, é também abordada a principal vertente metodológica do pensamento de Quadros, isto é, a leitura simbólico-mítica e arqueológico-arquetípica da arte, da história e do pensamento portugueses, assentando numa Filosofia do Mito contrária à historiografia positivista e à redução literalista das fontes da cultura nacional, nas quais estaria cifrado o autêntico espírito da pátria bem como o seu destino supratemporal.

Para além de dar amplo espaço aos elementos filosóficos, o livro dá também oportuno relevo à polifacetada identidade de *escritor*, que Quadros sentia própria e que compreende, num percurso coerente e multidisciplinar – cujo cerne é o seu pensamento filosófico – a pedagogia, a literatura e a crítica literária. Ao abranger todas as vertentes da rica actividade intelectual de Quadros, o livro é organizado em três partes, que são dedicadas: a primeira, à filosofia; a segunda, às vertentes literárias, estéticas e culturais, com particular realce dado à actividade de Quadros enquanto fundador e director do marcante jornal *57* (1957-1962), ao sebastianismo e também – numa original incursão de Teresa Seruya – a Quadros enquanto tradutor; a terceira, ao pensamento das culturas e pátrias enquanto entidades *situadas*, esta última parte envolvendo, entre outros, estudos comparativos sobre Quadros e escritores importantes na sua formação e na sua obra, como Camus e sobretudo Pessoa. Esta terceira parte traz um dos aspectos inovadores do livro, ou seja, a larga atenção dada às relações entre Quadros e o Brasil, país que visitou e cuja cultura interpretou de forma penetrante. Por vezes, a segunda e a terceira partes do livro tornam-se menos nitidamente distintas no que respeita à referida categorização. A leitura encontra-se, contudo, facilitada pela especificidade e não prolixidade dos contributos.

Emerge o recorte humano e intelectual de Quadros e sente-se uma subtil mas persistente intenção de olhar o seu pensamento na sua completude e complexidade, distanciando-se do superficial esquematismo que o mumificaria na estática categorização ideológica de ser apenas alguém que pertencia a este ou àquele grupo, a este ou àquele jornal, a esta ou àquela tendência política (Quadros, como é largamente sabido, era filho do escritor António Ferro, que tinha sido responsável pela política cultural do Estado Novo). Podem assim mostrar-se de forma clara e lúcida, através de olhares diversos e críticos, os tópicos e as questões do pensamento de Quadros. É-nos restituído em vários momentos um autor que, ao dialogar com a obra de outros pensadores portugueses, como Pessoa ou Agostinho da Silva, mostra um pensamento situado mas aberto, espelho de um homem que “pensou Portugal a partir da modernidade e das relações desta com a tradição” (Guilherme d’Oliveira Martins) e manifestou um traço “cosmopolita, apto a interessar-se por tudo o que fizesse parte da nata universal” (António Cândido Franco). Relatos como estes, para além de oferecerem um perfil abrangente e não estereotipado de Quadros, permitem vislumbrar a complexidade do seu pensamento, assim como da sua época e do seu mundo, contribuindo para um profícuo enquadramento da sua obra e para uma reflexão mais aguda sobre o seu legado.

Referências bibliográficas

- BRAZ TEIXEIRA, António (2000), “António Quadros”, in Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, t. 1, Lisboa: Caminho, pp. 317-328.
- QUADROS, António (1986), *Portugal. Razão e Mistério*, vol. I, Lisboa: Guimarães.
- REAL, Miguel (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo, 1890-2010: o labirinto da razão e a fome de Deus*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Fabrizio Boscaglia

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa